

Olinda, 23 de agosto de 1982.

Caro Schemberg,

recebi, na semana passada, carta da Roswitha Kempf (sócia do Massao Ohno) dizendo que você não havia enviado o texto sobre os guaches, o que me deixou intrigado, além de surpreso.

Uma vez que são passados oito meses e v. havia dito que em uma ou duas semanas escrevia o texto fico a imaginar o que terá havido para que v. não o tenha ~~escrito~~ *feito*.

Não consigo realmente achar o motivo pelo qual v. não escreveu o texto, salvo se você se esqueceu de fazê-lo, o que seria um absurdo já que v. é uma pessoa de memória excepcional.

Mesmo que tenha havido alguma coisa que o impedisse de escrever acho que v. teria enviado uma carta, um telegrama, ou mesmo telefonado, muito embora nunca tenha recebido da sua parte qualquer correspondência ou comunicação, o que é no mínimo estranho em se tratando de um amigo.

Outra hipótese é de que você tenha perdido o interesse, o élan, mas ainda assim penso que eu devia ser comunicado.

Pode ser também que v. tenha se esquecido de enviar o texto e se assim foi aqui vai o endereço (novamente) da Roswitha Kempf: Rua Cons. Ramalho, 219- Fundos. Cep 01325.

Espero não estar sendo injusto com você, e espero também que v. esteja bem de saúde, com o que envio-lhe um abraço.

Montez Magno

Montez Magno

Rua da Boa Hora, 185, Varadouro-Olinda-Pe.
Cep- 53.000. Tel. 429-3583.

Entre parêntesis

Medir o ouro com a precisão dura da queda,
(até quando suportarei o peso desses ossos?)
usar o olho como fita métrica da vida.

A espessura do mar, o brilho do silêncio,
(talvez toda a minha vida tenha sido um erro)
o filtro do cérebro recolhendo as palavras.

Sim, eu sei, foi a alquimia do verso
(viver é incômodo se o que se pensa não é claro)
que me paralizou as mãos e os pincéis.

Consciente da minha incerteza, perambulo
(sei que nada sei, por isso desaprendo)
por este final de século, indiferente.

Houve, todavia, um tempo em que acreditar
(nada me obriga a rir o riso dos humanos)
era tanto ou mais vazio do que descrever.

Renuncio -até quando não sei- ao pensar escuro,
(e dizer que "il miglior fabbro" sentia-se um equívoco;
no fim da vida sabia que não sabia)
em troca espero que não me leiam nas entrelinhas.

Minha visão do poema tropeça numa imagem
(o senhor sabe, por acaso, que um verso de Virgílio.
valia seiscentos sestércios em Roma augusta,
e pound na Inglaterra é moeda corrente?)
tilintante carregada de cifrões, um cheque.

O melhor artesão é o que nunca amola o instrumento
(minha mão só erra quando falha a consciência,
trago o dedão do pé exposto como selo e carimbo)
pois ao considerar que o ouro é a medida do homem,
com a precisão e o peso de uma opinião fechada,
uso o vídeo na vida e o metro na medida.

J. Meyer

0192-822-63

UNICAMPi

391301

121

8313111

RPIOXI 1500 ALTO LAPA
BAPESP 11,30 3-FEIRA